

Modelos sociais e morais no romance português do século XIX: *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis

Paulo MARTÍNEZ LEMA

Cátedra de Estudos Galegos
Deustuko Unibertsitatea / Universidad de Deusto
paulo.lemma@deusto.es

RESUMEN

Nuestra intención en este trabajo es aproximarnos a los valores culturales, sociales, religiosos y morales contenidos en una novela portuguesa del siglo XIX, *As Pupilas do Senhor Reitor*, obra de Júlio Dinis (Oporto, 1839-1871). Para ello hemos seleccionado una serie de ámbitos y temas cuya presencia en el texto resulta especialmente destacable, tanto por su importancia decisiva en el relato como por lo que tienen de representativos de una sociedad como la de mediados del siglo XIX; inmersa en profundas transformaciones: nos referimos al impacto de la cultura urbana en el mundo rural, el tratamiento de la mujer, la vivencia del hecho religioso y la cuestión de la movilidad social. De este modo, intentamos detectar los posicionamientos más o menos explícitos que puedan darse en la novela a este respecto, y contextualizarlos en el marco de los discursos que se están volviendo progresivamente hegemónicos en la sociedad portuguesa de la época, estableciendo –siempre que sea posible– conexiones con otras obras y autores del mismo período.

Palabras clave: literatura portuguesa, novela, Romanticismo, Realismo

[Recibido, julio 2013; aprobado, septiembre 2013]

Social and moral models in Portuguese novel of the 19th century:
As Pupilas do Senhor Reitor, by Júlio Dinis

ABSTRACT

In this paper, we try to approach the cultural, social, religious and moral values contained in *As Pupilas do Senhor Reitor*, a novel by Portuguese writer Júlio Dinis (Porto, 1839-1871). In order of that, we have selected some fields and issues whose presence in the text becomes specially prominent, because of their decisive importance in the tale as well as because they are representative of the 19th century society, immersed in deep changes: we are referring to the impact of urban culture in rural world, the treatment of the woman, the experience of the religious fact and the question of the social mobility. In this way, we try to detect the more or less explicit positionings which can be observed in the novel, and to put them into the context of those discourses which are turning gradually into hegemonic in the Portuguese society at that time, establishing – provided that it is possible – connections with other works and authors of the same period.

Keywords: Portuguese literature, novel, Romanticism, Realism

Introdução

Júlio Dinis foi o pseudónimo utilizado por Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nascido numa família burguesa do Porto a 14 de Novembro de 1839, e com ascendência inglesa por parte materna. Ao igual que o seu pai, reputado cirurgião da Cidade Invicta, o nosso autor cursou medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde também chegou a exercer como professor. Porém, a tuberculose que padecia obrigou-o em 1863 a mudar a sua cidade natal por longos estádios em Ovar e na Madeira, e foi precisamente essa doença que lhe produziu a morte em 1871, com somente 32 anos.

A sua atividade literária começou em 1860 com a publicação de vários poemas no jornal portuense *A Grinalda*, embora finalmente centrasse a sua atenção e os seus esforços na narrativa, à qual dedicou a maior parte da sua breve existência. De fato, foi *As Pupilas do Senhor Reitor* (1866) a primeira obra narrativa que publicou, inicialmente sob formato de folhetim nas páginas do *Jornal do Porto*¹. Para além do sucesso atingido entre o público leitor, esta obra foi considerada por Alexandre Herculano como o primeiro romance português. Seguiram-lhe *Uma Família de Ingleses. Cenas da Vida do Porto* (1862), *A Morgadinha dos Canaviais* (1868) e o romance póstumo *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872). Merecem atenção também os *Serões da Província* (1870), colectânea de várias narrações breves que tinham sido previamente publicadas como folhetins no *Jornal do Porto*.

Mas Júlio Dinis não se limitou a produzir textos narrativos de qualidade, senão que ele próprio teorizou e reflectiu sobre o género romancístico em «Ideias que me Ocorrem», incluído no volume póstumo *Inéditos e Esparsos* (1910). Estas reflexões constituem uma amostra da sua originalidade no panorama literário português da época, pois, tal e como assinala Stern (1972:123):

Não se encontra entre os romancistas portugueses nenhuma teoria de romance até às *Ideias que me Ocorrem* de Júlio Dinis. Garrett escreveu um pequeno *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, e Herculano dedicou dois volumes dos seus *Opúsculos* a artigos sobre literatura portuguesa, mas nenhum apresenta pensamentos críticos alguns sobre o romance.

No que diz respeito à adscrição da obra de Júlio Dinis a alguma das duas sensibilidades literárias vigorantes no momento (o Romantismo e o Realismo), a crítica costuma interpretar os seus romances e narrações como construídos em que confluem características reconhecíveis dos dois movimentos, mas sem chegar às versões mais extremas ou depuradas de qualquer deles (Pinto Leite 2010:15 e ss.).

1. Considerações preliminares

Na obra que vamos analisar devem ser tidos em conta uma série de aspetos que sem dúvida facilitam o nosso propósito, na medida em que permitem reconhecer e avaliar melhor os comportamentos sociais e morais presentes no romance.

Em primeiro lugar, temos de chamar a atenção para a estruturação do discurso moral subjacente no texto através de uma série de oposições (campo/cidade,

¹ Deste formato folhetinesco inicial ficam restos evidentes na definitiva edição em livro, como por exemplo este trecho: «Que circunstância tinha convocado o conciliábulo conjugal, e o que foi fazer o Sr. João da Esquina, assim ataviado? Vê-lo-emos no capítulo seguinte» (p. 143).

tradição/modernidade, amor/desejo, razão/emoção...) que patenteiam em boa medida a visão maniqueísta do mundo característica não só de Júlio Dinis, mas dos autores românticos em geral. Como teremos ocasião de ver, é frequente que tais oposições se sobreponham de tal jeito que às vezes resulta difícil delimitar qual delas é que está a operar num fragmento determinado.

Aliás, o fato de o tempo da narração coincidir com o tempo histórico (ou seja, com o presente vivido por Júlio Dinis) também resulta de grande utilidade, enquanto os modelos morais e sociais reproduzidos no texto são os mesmos a vigorarem quer no tempo (segunda metade do século XIX) quer no espaço (Portugal, e nomeadamente o Portugal rural da época) em que o dito texto foi gerado. De fato, e tal e como assinala Fedeli (2005:325), as obras de Júlio Dinis, «por trás da aparente ingenuidade de suas tramas centradas em uma pouca dramática intriga amorosa, alguns dos mais momentosos debates da sociedade portuguesa de então».

Por último, não esqueçamos que a personagem do reitor (o padre António) apresenta, para além de outras muitas funções, a de actuar em muitos trechos da obra como uma espécie de porta-voz do narrador. Portanto, as opiniões e considerações que aparecem postas na sua boca podem interpretar-se em boa medida como reflexo directo da ideologia e da visão do mundo que o autor está a plasmar na obra.

2. Campo e cidade, cultura rural e cultura urbana

Nem é difícil chegar à conclusão de que a tese em torno à qual gira *As Pupilas do Senhor Reitor* é que a vida rural cria personalidades de uma alegria singela e tranquila, contraposta às perturbações que acarreta a vida urbana. Esta ideia-força vai-se concretando ao longo da obra mediante a oposição entre os comportamentos de determinadas personagens e, sobretudo, entre as repercussões que esses comportamentos têm na estabilidade social e moral do microcosmos em que se desenvolve a ação (uma pequena terra do interior de Portugal).

Lembremos que Daniel, embora renegue desde a infância de uns trabalhos agrícolas para os quais nem semelhana apresentar as características mais ajeitadas, não deixa de ser um menino da aldeia. É durante a sua permanência no Porto para estudar o curso de cirurgia quando se contagia do jeito de vida citadino e se desliga quase por completo dos ambientes rurais em que se criara, uns ambientes que acabará por considerar soporíferos e dificilmente suportáveis. Um primeiro sintoma deste divórcio observamo-lo na conversa entre José das Dornas e José da Esquina, conversa em que o primeiro deles quer informar do iminente retorno de Daniel à aldeia já convertido em cirurgião. Nesta conversa observamos a identificação entre a cidade e os níveis superiores de estudo, quer dizer, o acesso a uns referentes culturais e intelectuais que Daniel maneja com familiaridade mas que resultam completamente alheios a José das Dornas e, por extensão, aos seus vizinhos: «É se você visse, Sr. João, o livro que ele escreveu? Chamam-lhe lá tese, ou não sei quê [...] Eu tenho um, que ele me mandou. Como sabe, eu daquilo nada entendo, mas bem vejo que é obra acabada e bem feita» (p. 67). Este fragmento resultou-nos de especial interesse porque nele, através de um tom irónico e humorístico que explora as possibilidades da cena neste sentido, dão-se-nos dados que permitem compreender em que jeito funcionava (e ainda hoje funciona em boa medida) a transmissão do conhecimento científico e a sua penetração e assimilação na lógica popular: «Mas o Sr. João admira-se? E então se eu lhe disser que ele provou também que um homem é a mesma coisa que um macaco?» (p. 68), «Diz que sustentou lá também que a gente, verdadeiramente, devia andar com as mãos pelo chão» (p. 69).

O mesmo conflito entre lógica científica e lógica popular (ou, melhor dito, entre uma lógica racionalista de cunho urbano e uma lógica pré-racionalista associada com a cultura tradicional rural) detetamo-lo na conversa que tem Daniel com o criado velho de seu pai em relação a fenómenos como o vento ou o eclipse. A suficiência intelectual do filho mais novo de José das Dornas fica patente na resposta que lhe dá ao velho: «És um asno» (p. 157).

Outro trecho em que se advirte de jeito claro o contraste entre os comportamentos rurais e os citadinos é o primeiro encontro entre Daniel, recém chegado do Porto, e João Semana, o velho cirurgião da aldeia que exerce uma espécie de medicina-apostolado e que se encontra plenamente integrado no esquema moral e social da terra. Os pontos de dissensão entre estas duas personagens nesse primeiro encontro são significativos: o João Semana revela-se como um carácter experiente e até certo ponto pragmático, consciente da complexidade das relações sociais na aldeia e da repercussão que podem ter no exercício quotidiano do seu labor: «-Meu caro amigo -concluía ele-, quem quiser viver bem neste mundo faz a vista grossa a muita coisa [...] Nem o Diabo se deve tratar muito mal, porque ele tem por aí muitos amigos» (p. 87). Face a isto, Daniel apresenta-se como um médico fundamentalmente teórico, idealista, entusiasmado com as novas correntes científicas que conheceu nos seus anos de estudo e que, por todos esses motivos, trata com desprezo a figura do barbeiro, apesar da posição de relevância que este ocupa no contexto social da aldeia. A voz do narrador exprime de jeito muito explícito esta antítese quando diz: «Nesta parte tornava-se pois impossível a conciliação. Era o antagonismo permanente entre a teoria e a prática» (p. 86).

O humor, elemento de grandíssima presença ao longo da obra, e os mecanismos fáticos empregues por uma e outra personagem são também muito distintos. João Semana adora anedotas de freires, embebidas de carácter popular mas que em nenhum caso chegam ao anticlericalismo, enquanto Daniel prefere as referências mais cultas e livrescas, que em ocasiões quase obstaculizam a comunicação:

Entre outras muitas coisas afirmou [*Daniel*], por sua conta e risco, que as belezas célebres, essas que inspiraram os grandes poetas, os grandes artistas, e os grandes amores, tinham sido trigueiras e, especificando, citou: Dido, Natércia, Cleópatra, Beatriz, Fornarina, Laura, Inês de Castro etc., etc. Desta gente toda, a Sr^a. Teresa e sua filha só conheciam Inês de Castro, porque havia meses que tinham visto representar uma obra dramática, produção inédita de não sei que Shakespeare rústico [...] (pp. 135-136)

Outro indício da desconexão de Daniel com o seu passado rural é o desconhecimento do sistema antroponímico vigente na aldeia, sistema em que as alcunhas e os nomes das casas são os elementos realmente operativos, mas que a ele lhe resultam já opacos:

Enquanto estive no Porto, e até nos curtos intervalos de férias que passara na terra, vivera ele muito estranho à vida do campo, para se recordar ainda das alcunhas pelas quais, na aldeia, mais geralmente são conhecidas as famílias, do que ainda por os verdadeiros nomes e sobrenomes. (p. 89)

Assistimos, em definitiva, a uma série de diálogos entre as personagens e de reflexões da própria voz autorial que patenteiam uma mesma ideia: a falta de funcionalidade dos modelos urbanos no mundo rural. Esta ideia apresenta-se nos

carregada de ironia na resposta que dá Joana a Daniel quando este expressa a sua intenção de casar com uma moça da cidade que imagina vestida de seda: «Olhe que há-de ficar em bom estado. Passeie pelo tojo [*com o vestido de seda*] e verá!» (p. 121).

Mas a oposição entre campo e cidade atinge tintes mais explicitamente morais através da personagem do Sr. Álvaro, um antigo vizinho da aldeia que conheceu o sucesso e a opulência da cidade mas que acabou por o perder tudo, de jeito que tivo de voltar, sozinho e enfermo, ao seu lugar natal. O juízo que lhe merece à voz narradora exprime-se em termos amargos e deixa ver de relance que histórias deste tipo deviam constituir um lugar bastante comum no contexto social da época: «É uma história vulgar a deste homem. Insistir nela seria contar ao leitor coisas sabidas. A quem reservará a sorte o privilégio de ignorar uma história assim?» (p. 52).

Todas as situações conflituosas que se desencadeiam na aldeia com a chegada de Daniel têm como razão última a sua instabilidade emocional e a sua incapacidade de controlar as paixões, defeitos que aparecem intimamente ligados à sua absorção dos modelos de comportamento citadinos e que colidem com a singeleza e ingenuidade que caracterizam pelo contrário os modelos enraizados na vida rural: «Encarnara-se intimamente nele [*em Daniel*] o espírito das cidades. As momentosas questões que ocupavam as cabeças sérias da aldeia, faziam-no sorrir; as distrações que entretinham as mais levianas, obrigavam-no a bocejar» (p. 90).

Inclusive um dos tópicos éticos e estéticos mais definitórios do Romantismo (a atração pelo abismo e o suicídio como fuga e único jeito de encontrar alívio para a alma atormentada) parece inseparável dessa reflexão sobre os efeitos da vida urbana nas condutas humanas, pois obviamente trata-se de um extremo inconcebível num âmbito como o da aldeia. Assim o vemos nas palavras do reitor quando teme pela possibilidade de Daniel se suicidar: «Esta gente da cidade é tão sujeita a loucuras! É ver aquele infeliz de que falaram as folhas do Porto, que, não sei por que histórias de amores, se atirou das Virtudes abaixo» (p. 245).

Neste contexto, a história de Daniel, que obedece ao tópico romântico da "redenção pelo amor", nem pode deixar de se interpretar também como uma história de regeneração moral consistente em reconquistar os sentimentos puros e nobres da sua infância rural e, deste jeito, reintegrar-se com uma certa harmonia no mundo que representa a aldeia. Neste sentido, julgamos bastante significativo que Daniel se consciencialize definitivamente de que ama Margarida (e tudo quanto ela encarna na estrutura moral do romance) e decida confessar-lhe o seu amor justo no momento em que morre o Sr. Álvaro, figura que simbolizava, desde a perspectiva da vítima, os efeitos perniciosos e destrutivos do mundo urbano. Em certo jeito, morre com ele o "velho Daniel", que lhe deixa passo a um "novo Daniel" identificável com o "Daniel-neno", e assim lho confessa nesse mesmo instante a Margarida:

Acabou o louco sonho de dez anos, que andei sonhando. Despertei ontem. Agora sou o mesmo Daniel, que daqui partiu, deixando na aldeia alguém, que do alto dos montes olhava com tristeza para a estrada, que o constrangeram a seguir, estrada que, ele também, regou com lágrimas de saudades. (p. 295)

Também é simbólico neste ponto o ultimato de José das Dornas: ou casa com a Margarida (quer dizer, ou culmina a sua regeneração moral, empreende a correção dos seus costumes e consolida essa reconexão com a infância que acabamos de mencionar) ou o envia para o Brasil (o que é tanto como optar por extirpar o mal que Daniel tinha trazido à aldeia).

Evidentemente, apesar desta perspectiva de exaltação da vida rural que entronca com alguns dos traços mais definitórios do Romantismo, na obra emergem também alguns aspetos sombrios da aldeia. Há nela dissensões e injustiças (o boicote das mulheres da aldeia a Margarida), há pobreza, há más-línguas, mas trata-se de conflitos que se resolvem rápida e satisfatoriamente graças à intervenção oportuna da figura de referência a nível moral (o reitor principalmente, e também em ocasiões Margarida). Como conclui a própria Margarida já perto do final da obra: «Olha, já estou de bem com essa gente toda, essa pobre gente que é boa no fundo afinal, coitada» (p. 301). Em definitiva, a vida e as preocupações singelas definem o rural; a cidade implica conhecimento e ascensão social, mas também é um lugar desconcertante, perturbador, nocivo, que gera condutas difíceis de metabolizar pelo mundo rural.

3. A figura feminina: percepção e função social

Como costuma acontecer no conjunto da obra narrativa de Júlio Dinis (quer nos romances, quer na narrativa breve), a obra em análise não só salienta pela presença de uma quantidade notável de personagens femininas, mas também pelo fato de essas mulheres assumirem na narração os papéis de maior relevância. No decurso do romance aparecem várias figuras femininas, desde as protagonistas (Clara e Margarida) até personagens secundárias que atingem maior ou menor saliência em cada parte da obra, como são a madrastra de Margarida, Joana (a criada de João Semana), a senhora Teresa (mulher de João da Esquina), Francisca (filha de João da Esquina e da senhora Teresa) ou a tia Josefã (a beata bisbilhoteira). Não é difícil reconhecer em cada uma delas um determinado repertório de valores e de comportamentos que servem para definir, de jeito mais ou menos intenso em função dos casos, vários estereótipos femininos distintos.

Margarida (*Guida*) encarna na obra a bondade extrema, a abnegação e a entrega aos demais por acima de tudo, visando tão só a felicidade alheia (nomeadamente a da sua irmã Clara) e sobrelevando as suas frustrações internas (mais em concreto a produzida pela indiferença inicial de Daniel) de jeito sereno e silencioso. Este altruísmo lembra-nos outras personagens femininas da obra dinisiana, nomeadamente a Maquelina de "O Espólio do Senhor Cipriano" (um dos romancesinhos que compõem os *Serões da Província*). Aliás, Margarida demonstra em qualquer caso uma enorme prudência e em muitos sentidos actua como uma prolongação do seu tutor, o padre António. Podemos reconhecer nela, portanto, a figura de uma heroína romântica (podem observar-se de fato alguns paralelos interessantes com a Joanhinha das *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett), dimensão que se vê sublinhada ainda por mais dois factores: a narração minuciosa que se nos faz dos maus tratos recebidos por parte da sua madrastra (num tom que nos lembra por vezes Vítor Hugo ou Charles Dickens, autores conhecidos e apreciados por Júlio Dinis) e essa espécie de tristeza mórbida, quase patológica, que aparece como um traço consubstancial ao seu carácter e que suscita várias reflexões ao longo da obra, algumas delas muito na linha de poetisas românticas tão reconhecidas como a galega Rosalia de Castro: «[...] já não conseguiu porém modificar-lhe o carácter pensativo e suavemente melancólico, que a infância oprimida lhe fizera contrair. Adquirira já o hábito da tristeza e das lágrimas, e este, como todos os hábitos, não se perde facilmente» (p. 54).

Ora, através de Margarida e do contraste com outras personagens femininas do romance podemos aceder a uma série de dados que nos ilustram sobre o rol social assignado à mulher na sociedade portuguesa (e ocidental, em geral) do século XIX.

Margarida, num princípio, é analfabeta e, face ao que ocorre por exemplo com Daniel, a instrução que recebe é totalmente informal, enquanto não obedece a um ensino regrado e pautado, mas a um esforço autodidacta: primeiro com as noções que o próprio Daniel lhe proporciona na infância, e mais tarde com os conhecimentos que adquire através dos livros do padre António e do Sr. Álvaro. Podemos comparar esta circunstância com a que se dá no caso de Francisca, que sim pareceu receber um ensino regrado, mas, a julgar pelas palavras que lhe dirige a sua mãe, trata-se de uma circunstância até certo ponto excepcional e não deixa de se conceber em qualquer caso como um instrumento ao serviço do que se percebe como finalidade última da mulher neste contexto social: casar bem (neste caso, casar com Daniel). As palavras da mãe são muito explícitas neste sentido: «Tu, sim, porque não? Para que gastou teu pai contigo a mandar-te aprender os verbos, senão para poderes agora mostrar o que és, e diferenciar-te das outras?» (p. 138).

O seguinte trecho patenteia à perfeição como o fato de contar com uma instrução elemental é um valor que se complementa com a necessária destreza nos labores da intimidade doméstica, o qual situa Francisca numa posição teoricamente vantajosa no que poderíamos chamar "mercado amoroso":

A Sr^a. Teresa não deixou sair Daniel sem que ele visse todas as obras de *crochet* das industriosas mãos da menina e os modelos caligráficos, que escrevera na mestra. De passagem, disse-lhe também que ela havia aprendido os verbos, coisa que pouca gente sabia na terra. (p. 140)

De todos os jeitos, da conversa que têm José das Dornas e o reitor no começo da obra deduz-se que a total exclusão das mulheres do ensino associa-se com tempos passados e superados, tal e como assinala o próprio padre António num tom que pode lembrar certos valores da Ilustração: «Pois ainda és desses tempos? [...] Fazes-me lembrar um tio meu, que nunca permitiu que as filhas aprendessem a ler; como se pela leitura se perdesse mas gente do que pela ignorância» (p. 5).

Mais um dado de interesse é que Margarida recusa viver à custa da sua irmã Clara e dedica-se ao magistério, ministrando aulas para as crianças da terra numa derivação mais do seu espírito extraordinariamente caritativo: «Ensinar era aprender, ensinar era amar; e estas duas necessidades daquele espírito generoso, aprender e amar, se satisfaziam assim» (p. 52). Aliás, é por meio do exercício do magistério (uma profissão tradicionalmente vinculada às mulheres) que acedemos à faceta de Margarida como "anjo doméstico", como figura materna, cuidando das crianças e preocupando-se pela sua instrução. Este trecho resulta claramente ilustrativo ao respeito:

Em pé, junto dela, dava uma destas lições de leitura. Margarida seguia o texto, olhando por cima dos ombros da criança, corrigindo-lhe os erros, às vezes com um sorriso de afabilidade, outras com uma inflexão de voz maternalmente severa. Era nos Evangelhos que a pequena lia. (p. 249)

Não resulta difícil conectar o conteúdo deste trecho com as ideias de autores como Alexandre Herculano, quem justificava o direito das mulheres à educação por serem elas as que tinham assignadas a educação e a formação moral dos filhos. Esta centralidade da mãe como eixo da família tradicional e fechada (cuja configuração definitiva tem lugar precisamente ao ritmo da consolidação das pautas sociais de raiz burguesa) é objecto de uma reflexão da própria Margarida que pode complementar o

sentido do fragmento anterior: «Clara teve uma mãe que a estremeceia, teve o seu raio de sol... eu, de bem pequena, perdi a minha... Quem tão cedo se viu órfã, como há-de ser para alegrias?» (p. 179).

Como já temos assinalado, Margarida salienta pela sua generosidade excepcional, que se concreta na sua devoção pelos pobres e pelos enfermos, a quem ajuda junto com a sua irmã Clara e o próprio padre Antonio. Eis mais uma faceta que adorna o estereótipo da mulher angelical e caridosa própria dos discursos sociais mais conservadores (e mais consolidados) na época, e que centra vários trechos da obra:

Nunca é tão cheia de atractivos a mulher, como ao velar solicita por o doente que estima. Às mais levianas revela-se-lhes então a grandeza e sublimidade da sua missão na terra [...] o instinto feminino revive com toda a sua espontaneidade de abnegação: dá-lhes à voz inflexões de ternura, ao olhar requebros de meiguice, e aquela deliciosa fraqueza de ânimo, que nos pedia protecção e amparo, transforma-se em coragem heróica, diante da qual nós, os que nos supúnhamos fortes, cedemos subjugados. (pp. 126-127)

A dor, a compaixão, a fê pareciam transfigurar o melancólico vulto de Margarida; dar vida àquelas feições de ordinário serenas; fulgor, àqueles olhos, languidamente cismadores; movimento aos lábios, que de costume a meditação contraía. A vida latente dessa natureza delicada e sensível revelava-se em ocasiões destas. [...] Daniel não podia tirar os olhos daquela saudosa figura de virgem em oração, que lhe parecia quase sobrenatural. (p. 293)

Deste jeito, podemos dizer que Margarida reúne um acúmulo de características que definiriam a mulher ideal e que são as que deveriam despertar o amor sincero do homem. Por esta via podemos acabar avistando outro tema tipicamente romântico, mas que tem conhecido diversos tratamentos e variantes na literatura ocidental de todo o tempo, desde Shakespeare até Álvaro Cunheiro: referimo-nos à contraposição entre o amor mundano e superficial e o amor espiritual e profundo. O próprio Daniel, já desde o começo, é consciente de que as relações amorosas que teve, inspiradas muitas delas por excessos ardentes da sua imaginação, nada têm a ver com o que ele considera "o verdadeiro amor", e que está intimamente ligado a essa conceição da mulher como figura tutelar do lar doméstico e merecente da devoção do home: «Não tenho sido muito escrupuloso em contrair certa ordem de ligações, é verdade; porém nunca me lembrei de fazer dessas mulheres que amei, nem quando a paixão me cegava mais, os anjos familiares a quem entregamos o nosso futuro inteiro» (p. 167); «Se um dia me vir casado, suponha que encontrei uma mulher, por quem sinto alguma coisa mas além do amor, por quem sinto o respeito e a confiança que se devem a uma mãe de família» (*ibid.*).

No que a Clara diz respeito, embora partilhe com Margarida a natureza bondosa e a atividade caritativa, apresenta um caráter antitético ou, se se preferir, complementar ao dea sua irmã: mais nova e menos madura do que ela, revela-se como uma moça alegre, extrovertida, instalada no presente, com uma atitude confiada e despreocupada que censuram de jeito mais ou menos explícito quer Margarida, quer o reitor; uma atitude que, no fim de contas, vai ser a causa do "acoso" de Daniel. É precisamente o escândalo subsequente o que lhe faz ver a Clara os perigos da sua atitude vital e a leva a reconsiderar o seu comportamento: «Aquela noite, [Clara] conheceu o perigo do caminho que seguira, a sorrir; e resolveu fugir-lhe» (p. 225). Esta transformação interna,

paralela à experimentada pelo próprio Daniel, é percebida também (e julgada em termos positivos) pela sua irmã Margarida:

Mas agora, Clara, apareces-me outra. Como aquele momento de dor, que passaste, te fizesse de repente mulher, falas-me, como ainda te não ouvira; sentes, pensas, e... adivinhas até, como julguei que nunca o farias. Agora sim; vejo que terminou a minha tarefa de protectora, a tarefa que tua mãe me encarregou. (p. 303)

Portanto, dentro do esquema moral da obra, a história de Clara é a história da perda da inocência, da chegada à maturidade e da assunção de umas pautas de comportamento mais coerentes com o rol que finalmente toma sobre si: o de mulher e mãe de família.

Finalmente, a análise de algumas das restantes personagens femininas secundárias também nos permite identificar a presença doutros preconceitos e clichés sobre a natureza da mulher, que nalgum caso mesmo derivam em verdadeiros tópicos anti-femininos. Na senhora Teresa, por exemplo, reconhecemos a figura dessa mulher na sombra que controla na prática as decisões do seu marido, João da Esquina. Por outro lado, um dos poucos defeitos ou vícios que podem reconhecer-se de jeito mais transparente no *modus vivendi* da aldeia é a bisbilhotice, a qual, conforme ao tópico ainda hoje vigente, tende a aparecer associado às mulheres: «O mulhério da vizinhança falava já» (p. 141), «Uma vizinha, comadre e muito íntima da Sr^a. Teresa –uma só ocultava à outra o mal que dela dizia pelas costas [...]» (*ibid.*). Aliás, o desprezo com que tratam Margarida quando a crêem em tratos com Daniel é protagonizado em todo o momento por mulheres, pelas mães das pupilas da própria Margarida: «–As mães das minhas discípulas quiseram dar-me tempo para o arrependimento e para a penitência. Dispensaram-me dos meus serviços» (p. 282).

De fato, cremos que a instabilidade emocional que define Daniel ao longo de todo o romance, e que é o detonante do conflito central do enredo, pode relacionar-se provavelmente com essa caracterização feminina da personagem na qual tanto se insiste nas primeiras páginas da obra: enquanto Pedro tem características positivas (quer dizer, varonis), Daniel apresenta características negativas (quer dizer, femininas) que provocam a preocupação do pai. Lembremos, tal e como temos comprovado nalguns dos fragmentos extratados, que o sexo feminino aparece literaturizado com frequência como o sexo emocionalmente frágil, volúvel e tempestuoso.

Para além de tudo isto, é interessante analisar qual o tratamento que se faz da mulher não como agente da ação narrativa, mas como destinatária do texto. Neste sentido, Cecília Meireles tinha já assinalado o papel de destaque que Júlio Dinis lhe conferia à mulher enquanto receptora da sua obra: «[A mulher] não é apenas um elemento na sua técnica de romancista: é a criatura a quem ele destina os seus próprios livros. Cada história presume um auditório feminino» (Meireles 1940:33). Com efeito, não devemos esquecer que a mulher, na altura cronológica em que o romance foi concebido e escrito, está a se converter num agente leitor de primeira ordem. Tal circunstância não se pode compreender se não tivermos em conta o seu progressivo confinamento no âmbito doméstico burguês e a subsequente adoção de uns jeitos de lazer em que a leitura (e nomeadamente a leitura de romances) atinge um papel central. Aliás, as referências explícitas que se fazem à leitora na obra informam-nos da operatividade de uma série de estereótipos e de ideias pré-concebidas segundo as quais os gostos do público feminino se orientam para a temática amorosa e passiona (o qual resulta coerente com os tópicos generalizados sobre o carácter feminino que já tivemos

ocasião de comentar anteriormente). Deste jeito, nas apelações directas que se fazem ao leitor, este apresenta o género masculino como género não marcado, enquanto o género feminino do recetor somente se explicita naqueles trechos que contêm reflexões sobre o amor, sobre os seus efeitos na psicologia feminina ou inclusive sobre comportamentos e ações que rompem o horizonte de expectativas que se lhe presuppõe a uma leitora. Esta pauta não é exclusiva da produção romancística de Júlio Dinis, senão que se observa em muitas outras obras deste mesmo período, mas o certo é que n'*As Pupilas do Senhor Reitor* topamos exemplos muito ilustrativos a respeito disto. Reparemos, por exemplo, num fragmento como o que reproduzimos a seguir: "Pedro era caçador e dos apaixonados. Dizendo eu isto, já o leitor, se não é um homem fadado por Deus para felicidades excepcionais na terra [...]" (p. 162). E confrontemo-lo com os que seguem: "Fique a leitora sabendo que, muitas vezes, enquanto dorme, se lhe estão fixando nas janelas, desapiedadamente cerradas e obscuras, os olhos amorosos desses tresnoitados passeadores" (p. 229); "Se elas [as palavras de elógio de Daniel a Clara] lhe poderiam ser indiferentes, pergunto eu às leitoras bonitas? Sendo sinceras comigo, não se atreverão a condenar este sentimento de vaidade, que moveu o coração de Clara" (p. 99); "[...] sob o risco de indispor o ânimo das leitoras contra um dos principais personagens desta singelíssima história, farei aqui a desagradável, mas conscienciosa declaração, de que a imagem de Margarida andava, por aquele tempo, tão desvanecida já na memória de Daniel [...]" (p. 89-90) etc.

Para rematarmos, gostávamos de fazer constar uma observação da voz autorial sobre a indulgência que oferece Joana (e, por extensão, as mulheres) com os erros cometidos pelos homens, e que nos fala de uma plena assunção e interiorização por parte das mulheres dos roles e preconceitos sociais gerados pelos homens e implementados no marco duma sociedade eminentemente androcêntrica: «Em geral, nos tribunais femininos, os delitos da natureza daqueles, de que João Semana acusava Daniel, são julgados como Joana acabava de julgar este. Grande magnanimidade para com o homem, e severo rigor para com a mulher» (p. 171).

4. A religião na obra

Durante boa parte do romance, as únicas personagens através das quais podemos avaliar a posição da voz autorial a respeito da vivência do cristianismo são o padre António e, em menor medida, Margarida. Somente em fragmentos isolados podemos identificar a existência de certos contrapontos (as beatas, representadas basicamente pela tia Josefa da Graça, e os missionários rurais que as inspiram e que aparecem noutras obras do autor, como *A Morgadinha dos Canaviais*) que nos permitem estabelecer neste aspecto uma nova dicotomia entre dous jeitos radicalmente diferentes de perceber a religião em geral, e o cristianismo em particular.

É evidente que o ideal de religião dinisiana está encarnado na personagem do reitor, a personagem modelar por antonomásia do romance, embora isto não o exima de protagonizar acontecimentos cómicos (como o ataque que sofre por parte do cão de Margarida numa das primeiras cenas da obra). Tal e como assinala Santilhi (1997:75), «o reitor alia-se ao primeiro grupo de personagens, o das modelares, de maneira a que as demais rendam-se ou alinhem-se pelo seu paradigma». Portanto, observamos como ao longo de todo o romance o padre António aparece como uma espécie de figura fiscalizadora que evita a degradação dos costumes e, com a sua intervenção, aglutina e preserva a comunidade moral representada nesse sentido pelos fregueses da paróquia. Esta dimensão eminentemente tutelar do reitor não só se deteta nos conselhos e

orientações que lhes dedica às suas pupilas, Clara e Margarida, mas também nas que dirige ao conjunto da colectividade posta sob a sua autoridade espiritual, nomeadamente a Daniel: «Sabes o que eu te digo? O melhor, rapaz, é procurares o que te faça arranjo, e então que seja deveras. Casa-te e deixa-te de andar desnordeado, e nessa vida airada, que raro dá para bem» (p. 37).

Mas, para além de guia moral, o padre António representa também uma conceição da missão sacerdotal em tom de apostolado, num incansável exercício de caridade e de luta contra a pobreza e a corrupção que certamente o aproximam de Margarida, e que oscila entre a dimensão mais bondosa (a que patenteiam por exemplo os cuidados que lhe dedica ao Sr. Álvaro na sua agonia) e a mais terrível e furibunda (na cena da tasca, onde surpreende vários homens da aldeia a despenderem o seu dinheiro com as cartas, ou quando repreende as suas freguesas por boicotarem as aulas de Margarida).

Voltando para a função tutelar, temos de assinalar que o padre António sempre irrompe nos momentos mais críticos e tensos (de fato, actua neste sentido como uma espécie de regulador do desenvolvimento argumental), que consegue aliviar mercê da sua intervenção: quando João Semana surpreende Clara a fugir do seu encontro com Daniel na fonte, quando Pedro topa Daniel abandonando a casa de Clara... A maneira sigilosa e inesperada em que se produzem essas aparições quase providenciais dotam-no de uma certa aura de omnipresença e de omnisciência: «Foi por esta forma que o reitor, a quem muitas vezes estava confiado o papel de Providência na sua paróquia [...]» (p. 226); «A voz, que dissera estas palavras, parecia vir do ar. João Semana levantou a cabeça e deu com os olhos no reitor, muito pachorrontamente estabelecido sobre o tronco de um pinheiro derrubado [...]» (p. 222). Neste ponto, portanto, o reitor apresenta uma faceta angelical que mais uma vez comparte com Margarida² (um dos "anjos protectores" de Deus, como a denomina o reitor numa das suas conversações com Daniel).

Ora, dentro deste contexto é especialmente interessante deter-se no tratamento que se faz do tema da *esfolhada* organizada por José das Dornas apesar das reticências morais e os protestos do reitor. Neste caso oferece-se-nos uma perspectiva quase antropológica ou etnográfica desta celebração, que aparece conceituada como uma válvula de escape para as tensões da comunidade, ao fazer possíveis fenómenos como a nivelção social ou os ritos de iniciação amorosa, ao tempo que fortalece os vínculos grupais:

Ali todos riem, todos cantam, todos se abraçam, e se beijam até; e fala-se ao ouvido, e graceja-se e dança-se, e com franqueza se apontam defeitos, e sem ofensa se recebem censuras, e até são mal acolhidas as lisonjas [...] Aquelas liberdades todas são permitidas, ordenadas até, pelo código das esfolhadas. (p. 183)

E, de passagem, esta circunstância reforça o carácter tolerante e transigente do padre António e, em geral, o seu jeito de entender o papel da religião como discurso reitor da comunidade: «[...] e tudo isto então, toda esta apeteçível desordem, todo este

² Obviamente, estamos a nos referir neste caso a Margarida não como o "anjo doméstico" da epígrafe anterior, mas como um dos "anjos protectores" de Deus, tal e como a denomina o reitor enquanto tenta dissuadir a Daniel da sua ideia de se suicidar. De facto, faz-se evidente o paralelismo entre a atitude do reitor com o conjunto da comunidade e a de Margarida com a sua irmã Clara, até o ponto de se autoinculpar para salvar a boa fama dela.

abandono da etiqueta, à vista da porção sisuda da companhia, à qual a tolerância fecha desta vez excepcionalmente os olhos» (*ibid.*).

Este repertório de atitudes e de convicções que vimos de identificar no padre António (apostolado, cristianismo singelo e virado para os que sofrem, entrega às preocupações e sofrimentos dos fregueses etc.), que poderiam resumir-se na frase "o Evangelho no coração" (expressão utilizada pelo narrador numa ocasião), permitem contrapô-lo a um outro tipo de religiosidade encarnado pelo padre José, pelas beatas (sobretudo a tia Josefã da Graça) e pelos missionários. Essa vivência alternativa da religião dá pé a uma digressão certamente crítica por parte da voz autorial:

Imbuindo o espírito das mulheres de preceitos de devoção absurda, afastam-nas dos berços dos filhos, da cabeceira do marido enfermo, do lar doméstico, para as trazer ajoelhadas pelos confessorários e sacristias [...] inculcam-lhes falsas doutrinas, desmentidas e condenadas em cada página do Evangelho, tão severo sempre contra fariseus e hipócritas. (p. 272)

Segundo vemos no trecho que acabamos de reproduzir, a razão da crítica formulada pelo narrador é tripla. Em primeiro lugar, e em clara sintonia com algumas das conclusões a que chegávamos na epígrafe anterior, os representantes desse cristianismo censurável afastam a mulher dos âmbitos e das actividades que se consideram próprios dela e que deve assumir para um correcto funcionamento da engrenagem sócio-moral. Aliás, esse jeito de viver o cristianismo afasta-se da verdade contida no Evangelho, que nesta passagem parece perfilar-se como o único repositório das ensinanças e das directrizes morais da Igreja (o qual nos aproxima, salvando obviamente todas as diferenças, de um dos princípios básicos do protestantismo). Por último, estamos diante de um cristianismo que extermina a beleza e a alegria das mulheres (e, por extensão, a da comunidade) e instaura uma moral asfíxiante em que o pecado ocupa um lugar nuclear e até obsessivo. O seguinte trecho ilustra à perfeição esta ideia:

A alegria do povo, esse reflexo da alegria das mulheres, porque das mães se reflecte nos filhos, das esposas nos maridos, das raparigas nos amantes, desaparece pouco a pouco. Com os trajos escuros, os cabelos cortados, os olhos baixos, as mulheres têm por pecado rir; o cantar como um crime [...] (p. 272)

Como resulta esperável, o posicionamento do reitor ante este modelo religioso nem vai discordar do da voz autorial: «O reitor, que não era para imposturas, tratava-as a todas [*as beatas*] com aspereza [...]» (p. 273); «—O que sabeis é engrolar Padre-Nossos e roçar com a testa pelo chão das igrejas; mas não tendes coração para a doutrina do Senhor, não» (p. 285).

As personagens eclesiásticas constituem figuras de presença até certo ponto recursiva na produção novelística da primeira metade do século XIX em Portugal. Portanto, o contraste entre o reitor d'*As Pupilas* e alguns dos seus homólogos presentes noutras obras desse mesmo período histórico e cultural pode ajudar-nos a compreender melhor o jeito em que o fenómeno religioso e a suas ramificações (espirituais, institucionais, sociais etc.) eram percebidos na altura. Com efeito, certas concomitâncias podem ser observadas entre o padre António e o Frei Dinis das *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garrett, enquanto os dois reconhecem o cristianismo como o verdadeiro e único modelo de conduta a seguir, para além das leis humanas. Porém, Frei

Dinis mostra uma obsessão intransigente com o pecado (com o pecado de Carlos e com o dele próprio) que o distancia sensivelmente dos valores encarnados no padre António. Conexões muito mais superficiais são as que podemos estabelecer entre o reitor e o presbítero que protagoniza o romance de Alexandre Herculano *Eurico o Presbítero* (1844): com efeito, no reitor a chamada sacerdotal parece um ato sincero e completamente voluntário ao qual se entrega com devoção, enquanto no caso de Eurico supõe uma resposta radical a uma frustração amorosa (a perda de Hermengarda), de jeito que se pode interpretar como uma sublimação do tema romântico do suicídio, como uma espécie de "morte para o mundo"³.

Para finalizarmos com esta análise da figura do reitor e das suas implicações no discurso ideológico subjacente no romance, devemos relacionar o tipo de religiosidade que representa com um modelo de conhecimento singelo, avalado pela tradição, que tem como fonte fundamental o Evangelho e que se mostra alheio à sabedoria científica gerada e difundida desde os círculos urbanos. A receção deste conhecimento moderno por parte do padre António caracteriza-se não por um desprezo intransigente, mas simplesmente pela incompreensão de algo que ele percebe como desnecessariamente complexo:

Um dia veio aqui um homem que, pelos modos, é um grande sábio, um destes filósofos da cidade. Era domingo e eu tinha de fazer a minha prática. O tal sujeito foi para a igreja. Quando o vi lá, fiquei assustado [...] pobre cura de aldeia que sou há vinte anos, o que queres tu que eu possa dizer diante de gente instruída e ilustrada, como era o tal? Estive para desanimar, Margarida, olha que estive; mas [...] os Evangelhos leio-os todos os dias. Eles me ajudarão. Pois não tenho eu lá aquele sermão da montanha? [...] Pois sabes? O tal homem de que eu me receava foi ter comigo à sacristia para me abraçar e disse-me: «Gostei de o ouvir; deram-me as suas palavras, por algum tempo, mas sãs consolações do que as minhas noites de estudo». (p. 180)

De qualquer jeito, a religiosidade atravessa todo o romance e manifesta-se não somente no modelo de comportamento representado pelo reitor (e por Margarida, lembremos), mas também como elemento informador de muitos outros aspectos presentes na obra, dos quais salientamos os seguintes:

(a) A regeneração de Daniel possui conotações religiosas, pois trata-se de uma regeneração moral em que os bons valores cristãos e enraizados na tradição da comunidade triunfam de modelos morais importados que alteram a estabilidade da mesma. Não é casual que a história de Daniel se vincule com a do Filho Pródigo, parábola que Margarida está a ler justo quando Daniel se apresenta ante ela para lhe fazer a sua proposta de matrimónio (matrimónio que, como já pudemos comprovar, sela essa regeneração de que temos falado)⁴.

³ Detetamos neste ponto certas afinidades com a personagem de Georgina, nas *Viagens da minha terra*, que recusa as promessas amorosas de Carlos e fica como abadessa de um convento.

⁴ Esta salvação ou, se se preferir, transformação de Daniel pela ação da heroína feminina (neste caso Margarida) constitui uma pauta que se repete noutras obras do autor, e que exemplifica a posição de destaque que lhe é conferida à mulher na narrativa dinisiana: em *Uma Família Inglesa* (1868), é Jenny quem acalma a ira do pai para virar feliz a sua amiga; n'*A Morgadinha dos Canaviais* (1868), corresponde-lhe a Madalena o projeto de regeneração de Henrique de Souselas, até o converter num senhor rural; e n'*Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871), a restauração da Casa Mourisca produz-se através de Berta, quem provoca aliás o apaixonamento de D. Luiz.

b) Algumas partes e temas da obra oferecem reminiscências bíblicas, como por exemplo o par de irmãos Daniel/Pedro, que pode lembrar Caim e Abel, não só por representarem modelos radicalmente opostos desde o começo do romance (feminino/masculino, estudo/trabalho físico, cidade/aldeia, emoção/razão...), mas também pelo fato de Daniel estar prestes a trair o seu irmão. Aliás, a cena da tasca (quer no seu fundo, quer na sua forma) guarda paralelos evidentes com a cena bíblica da expulsão dos mercadores do templo, as figuras femininas identificam-se frequentemente com anjos etc.

c) Aproveitamento de estruturas didáticas típicas do ensino da religião (catequese), nomeadamente a estrutura "pergunta-resposta" que apresenta o primeiro diálogo entre José das Dornas e o reitor, e cuja intencionalidade didática nos parece muito visível.

d) A importância fulcral da religião no currículo educativo da época e o seu caráter transversal, precisamente como repositório de valores morais pelos quais se rege o universo social plasmado na obra: «Era nos Evangelhos que a pequena lia. O reitor recomendara o livro a Margarida, dizendo-lhe que o ensinasse às discípulas, que era guia seguro» (p. 249).

5. A mobilidade social

No romance aparecem dois mecanismos que podem propiciar a ascensão social dos indivíduos: um deles é a educação e o outro é o casamento.

A mobilidade social vinculada com o sucesso académico tem especial protagonismo nas primeiras páginas do texto, nomeadamente nas conversas em que o reitor e José das Dornas projetam o futuro de Daniel (filho segundo e, lembremos, caracterizado em termos femininos, face à natureza netamente masculina do Pedro que o orienta já à continuação do trabalho agrícola que ocupou a vida do pai). A consciência do salto social que pode acarretar a educação (e dos seus riscos para a integridade espiritual da pessoa) fica clara nestas palavras do padre António: «Julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua?» (p. 6). Mas essa possibilidade de ascensão social nem sempre é bem acolhida entre a gente do povo, que chega a conceituá-la em termos de injustiça e de desnivelção entre os membros da unidade *casa*. É assim que percebemos o sentido do que diz a velha Tomásia neste trecho: «Verá você que o Pedro, que se mata com trabalho, há-de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar cabeça; e o pelém do irmão é que há-de pimpar de senhor e dar leis em casa» (p. 7).

Ora, na narração do "périplo educativo" do Daniel cremos detetar a confluência de alguns esquemas sociais pertencentes a duas épocas que, na altura em que o romance foi redigido, se encontravam em plena fase de transição em Portugal: o Antigo Regime e as novas sociedades liberais. Num primeiro momento, a saída natural para o Daniel é o sacerdócio, mas a formação que exige essa opção concertada entre o seu pai e o reitor não se realiza no marco de um sistema educativo mais ou menos configurado conforme aos padrões do liberalismo burguês, mas na casa do reitor (tutor pessoal) e conferindo-lhe uma grande relevância à aprendizagem do latim: «Manda-me o rapaz lá por casa, que lhe irei ensinando o pouco que sei do latim e deixa-te de malucar» (p. 6), diz-lhe o padre António a José das Dornas. Porém, sim se pode relacionar com a nova mentalidade (que prima a liberdade individual face aos interesses das velhas estruturas sociais de tipo orgânico, neste caso a *casa*) a decisão de Daniel de abandonar a carreira

eclesiástica, e de o fazer aliás por amor a Margarida, rompendo deste jeito o rígido itinerário vital que o reitor e o seu pai desenharam para ele. A reação de José das Dornas, que aceita e até compreende a decisão do filho, é muito ilustrativa ao respeito: «A falar a verdade... o pequeno tem razão. Eu, que tão bem me dei com aquela santa, que está no céu, como havia de obrigar um filho meu a não gozar de uma felicidade como a minha? Quer casar?! Faz ele muito bem» (p. 31).

Ora, face ao que poderia ser esperado, essa decisão de Daniel não supõe a assunção de um controlo efectivo sobre as suas perspectivas vitais, pois o reitor e José das Dornas dispõem reorientá-lo profissionalmente para a cirurgia e enviá-lo ao Porto (em clara referência à biografia do próprio Júlio Dinis). Uma situação muito similar é a que transparecem, de jeito mais uma vez irónico e humorístico (enquanto vão dirigidas ao reitor), estas palavras de João Semana, o velho cirurgião da terra: «Meu pai caiu na patetice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania fazer-me padre, outro galo me cantaria» (p. 108).

Mais uma inércia dos velhos modelos é a concepção do estudo como uma inversão da *casa* (personalizada no patriarca, José das Dornas) que não só deve visar a capacitação profissional dos discentes quanto a perpetuação e progressão da devandita instituição, unidade de referência essencial na sociedade rural portuguesa nessa altura. Vemo-lo no uso da culpabilização por parte do reitor para corrigir a atitude dissoluta de Daniel: «Teu pai manda-te para o estudo ou para andares jogando a pedra com a outra canalha?» (p. 10). Ou quando José das Dornas situa ao mesmo nível o casamento iminente de Pedro com a culminação dos estudos de Daniel: «José das Dornas não cabia em si de contente. A formatura de um dos seus filhos, e a perspectiva do vantajoso casamento do outro eram para isso motivos de sobejo» (p. 63).

No fim de contas, tendo em conta esta confusão de velhos e novos comportamentos e resgatando algumas das ideias e conclusões assinaladas nas epígrafes anteriores, podemos dizer que a educação é focada de jeito positivo no conjunto do romance, sempre e quando não puser em risco a harmonia sócio-moral existente na aldeia, algo que de fato sim ocorre no caso de Daniel. Portanto, neste ponto o referente positivo e modelar deve ser João Semana, que se encontra perfeitamente integrado em todo o momento nesse microcosmos rural.

No que ao matrimónio diz respeito, também é entendido em termos de economia familiar, o qual fica muito claro no caso da Francisca e das perspectivas postas pelos seus progenitores num possível casamento com Daniel, chegando até a absurdas e quase anacrónicas pretensões nobiliarias: «[...] largas horas ficaram discutindo os teres e haveres de Daniel, e as probabilidades e vantagens de uma união entre a casa dos Esquinas e a dos Dornas, as quais, com os anos, podiam fornecer sofríveis elementos para a confecção de um brasão heráldico» (p. 140). E quando o José das Dornas comenta com João da Esquina o pronto casamento de Pedro com Clara, a primeira reação do merceeiro inscreve-se dentro da mesma lógica: «Olhe que foi bem bom arranjo, Sr. Zé [...] Só o campo dos Bajuncos é uma tal peça de lavra» (p. 66).

Evidentemente, uma ótica romântica como a de Júlio Dinis devia rejeitar esta monetarização do amor, tão própria do Antigo Regime e que foi combatida já no século XVIII pelos primeiros romancistas europeus, com uma mensagem de prevalência da

opção pessoal que foi explorada discursivamente pela ideologia burguesa na sua reivindicação de uma sociedade de classes fundamentada na mobilidade social⁵.

6. Algumas conclusões

Tal e como temos comprovado, n'*As Pupilas do Senhor Reitor* delimita-se um universo sócio-moral que pode ser interpretado como característico e representativo da obra romancística de Júlio Dinis. Com efeito, o discurso intelectual que patenteia o texto tem a sua base numa série de estruturas e oposições binárias muito transparentes através das quais o autor exemplifica um movimento de distorção e quase ruptura da harmonia vigorante nesse microcosmos posto em cena, mas também a restituição do equilíbrio prévio mercê às virtudes morais de umas personagens idealizadas. Esta proposição articula-se literariamente num texto em que aspetos românticos e realistas podem ser reconhecidos sem esforço, apesar de o romance ser publicado num período em que o Realismo se configura já como a tendência estética hegemónica. Destarte, o caráter didático e moralizador da obra (mais explícita nuns casos, mais subtil noutros) ou a confiança na bondade natural do ser humano, por exemplo, podem analisar-se como heranças da literatura romântica.

Por último, no que diz respeito à função do elemento feminino no imaginário reflectido na obra, detetam-se duas dimensões que julgamos complementares. Por um lado, do ponto de vista social, o discurso que se desenvolve sobre este ponto é certamente conservador, enquanto tem a sua base na ideia da mulher como "anjo do fogar" e criatura essencialmente bondosa, o qual reduz sensivelmente o seu peso específico num mundo gerido por entidades masculinas. Porém, é precisamente na amplificação e o encarecimento que desse rol se faz na obra onde radica a visão positiva que nos dá Júlio Dinis da mulher, ao convertê-la no autêntico e silencioso pilar da sociedade que ele desenha nos seus romances. Tal e como assinala Soares (1940:6), a mulher no romance de Júlio Dinis é «supremo encanto da vida que apesar da sua fragilidade física consegue, por dedicação e caridade, servir respectivamente de apoio moral ao próprio lar e de cobertura protectora ao alheio».

7. Bibliografia

- ABDALA JÚNIOR, Benjamim (2007): *Literaturas de língua portuguesa. Marcos e marcas / Portugal*. São Paulo: Arte & Ciência.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1994): *História da Literatura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DINIS, Júlio (1867): *As Pupilas do Senhor Reitor*. Porto: Porto Editora (Biblioteca Digital).
- Disponível em: http://www.pem.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_PupSrReitor.pdf.

⁵ O mesmo tópico, desde uma perspectiva mais exacerbadamente romântica, aparece em *Eurico o Presbítero*, quando o protagonista chora amargamente a sua impossibilidade de casar com Hermengarda, prometida pelo seu pai com um nobre: «Lá no tumulto dos cortesãos, onde o amor é cálculo ou sentimento grosseiro [...] Quem tivesse para dar a teu pai o preço do teu corpo e te comprasse como alfaia preciosa [...] O velho estará contente, porque trocou a sua filha por ouro» (p. 26).

- FEDELI, Ivone (2005): "Atractivos, instrução, conselho: a função pedagógica da literatura no romance de Júlio Dinis", in *Actas do I Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literatura Lusófonas*. Coimbra: Almedina, pp. 325-332.
- ALMEIDA GARRETT, João B. da Silva Leitão (1846): *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora (Biblioteca Digital). Disponível em: <http://www.cicviseu.net/Principal/Documentos/Download%5C15%5C37.pdf>.
- HERCULANO, Alexandre (1844): *Eurico o Presbítero*. Porto: Porto Editora (Biblioteca Digital). Disponível em: http://www.pem.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_EuricoPres.pdf.
- LEPECKI, Maria Lúcia (1979): *Romantismo e realismo na obra de Júlio Dinis*. Amadora: Instituto da Cultura Portuguesa.
- MEIRELES, Cecília (1940): "Presença Feminina na Obra de Júlio Diniz", *Ocidente*, 9, pp. 32-45.
- PINTO LEITE, Rosa Margarida (2010): *A narrativa breve de Júlio Dinis*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Departamento de Línguas e Culturas).
- SARAIVA, António José (1994): *Iniciação na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- SANTILLI, Maria Aparecida (1997): "As pupilas do Senhor Reitor: de romance português a novela brasileira", *Via Atlântica*, 1, pp. 66-76.
- SOARES, Armando Cirilo (1940): *Júlio Denis educador e cientista*. Lisboa: Academia das Ciências.
- STERN, Irwin (1972): *Júlio Dinis e o romance português*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- VAQUINHAS, Irene Maria (2005): *Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo: as mulheres portuguesas sob o olhar da história (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte.